

Editorial

Jorge Penedo

Editor Chefe da Revista Portuguesa de Cirurgia

O desafio da formação em Cirurgia Geral

The challenge of formation in General Surgery

Pensar a Cirurgia Geral obriga a pensar na formação pós-graduada e no futuro dos nossos internos. Mas pensar futuro implica pensar o presente e como o vamos mudar.

A Cirurgia Geral está a mudar. Em Portugal e no resto do mundo. Nuns hospitais de forma mais célere do que noutros. Mas está a mudar. Uma mudança talvez mais célere na forma do que no conteúdo. Mas está a mudar. Muitas vezes coexistem modelos e certamente que não há um modelo. Mas o modelo anterior está definitivamente em extinção.

É pois neste cenário de mudança que os nossos internos se movem. Muitas vezes “criados” por orientadores de velhos modelos. Outras por orientadores de novos modelos. Muitas vezes em serviços em que o tempo de adaptação ainda não terminou. Outros em que coexistem realidades diferentes.

O Estado definiu-lhes um modelo formativo. A Portaria n.º 48/2011. Mas se esta é verdade legal não mais é a verdade do terreno.

As necessidades dos Serviços de Urgência levam a que os números de cirurgiões em formação sejam por vezes em muito superior ao desejado para o movimento eletivo. Nos hospitais que os conseguem ter. Outros são o caso que o número é insuficiente e o peso do trabalho em serviço de urgência constitui uma carga incompatível com a prestação desejada para a cirurgia eletiva. Centros hospitalares com polos vários. Serviços divididos em Unidades Funcionais. Serviços idóneos que obrigam a garantir a formação de internos de muitas outras especialidades cirúrgicas. Serviços com idoneidades parciais que obrigam os internos a passarem por outros hospitais por vezes com diferentes planos de internatos. Serviços com idoneidade total com raridade em algumas patologias resultado da cada vez mais crescente concentração de casos.

Vários são os motivos a que levam a que a organização da formação dos internos de cirurgia geral seja hoje um puzzle complexo.

Que deve ser hoje um Cirurgião Geral?

Esta é uma pergunta essencial. Só a sua resposta permitirá afirmar como deve ser definida a sua formação.

Formamos internos com um objectivo. Serem Cirurgiões Gerais.

Mas que internos estamos a formar ou devemos formar?



Segundo o Aviso n.º 14916-D/2013 da ACSS (1) foram abertas 48 vagas para o internato geral de cirurgia geral em 2014, em 31 unidades hospitalares. A esse número podem juntar-se cerca de 112 internos de outras especialidades cujo primeiro ano, ou parte dele, é passada em serviços de cirurgia.

A estas vagas juntam-se todos os internos cujo internato já decorre.

Esta é uma enorme mole de internos a realizar formação nos nossos hospitais. Por vezes em serviços altamente diferenciados, noutros não. Por vezes em serviços com um corpo clínico demasiado obeso, noutros demasiado reduzido. Por vezes em serviços não departamentados, noutros organizados em unidades funcionais. A assimetria é de todos por demais conhecida.

O tempo de mudança tem tanto de atrativo como de complexo. Mas a mudança acontece e por vezes não conseguindo dar resposta a todos aqueles que não acompanham as mudanças.

A mudança que mais tem marcado os últimos anos e marcará certamente os próximos será o da desagregação da Cirurgia Geral. Uma desagregação cada vez mais difícil de contrariar.

A explosão do conhecimento e as exigências da diferenciação tem vindo a demonstrar algumas das fragilidades do cirurgião generalista. Mas também as características do cirurgião generalista fazem vir ao de cima as fragilidades da diferenciação e da especialização.

Na verdade o que todos queriam era um cirurgião ultra-especialista que pudesse mudar chips de conhecimento mantendo a sabedoria geral. Mas esta é uma visão de ficção.

Muitos são os serviços cuja organização em unidades já é uma realidade. E não duvido que nos próximos anos esse número vai aumentar. Este facto tem implicações na organização dos nossos serviços. No perfil de cirurgiões em que nos iremos tornar. No perfil de internatos que teremos de organizar. No tipo de orientadores de formação que poderemos ser. No papel que atualmente deve desempenhar o orientador de formação.

A adicionar a esta problemática há que referir que o caminho da Cirurgia Geral é um caminho longo e exigente. Nem sempre atrativo para as novas gerações. Num recente livro de 2009 (2) afirma-se que, nos EUA, poderá existir já uma carência de 1.300 cirurgiões. Um número que poderá chegar aos 6.000 em 2050.

Não discutir estes temas e a formação que temos e que queremos ter é comprometer gerações de cirurgiões. Não discutir estes temas é não acautelar o futuro.

Não discutir estes temas é comprometer o papel da Cirurgia no futuro e o que dela a sociedade espera.

A Sociedade Portuguesa de Cirurgia iniciou um importante diálogo com a Ordem dos Médicos através do Colégio de Cirurgia sobre o tema da formação.

Um diálogo sobre qual o futuro da formação em Portugal exige conclusões.

A bem da Cirurgia Geral e do seu futuro.

BIBLIOGRAFIA

- 1) [http://www.acss.min-saude.pt/Portals/0/Aviso%20publicação%20mapa%20de%20vagas%20IM%202013%20-%20Ingresso%20formação%20específica%20\(1%20de%20janeiro%202014\).pdf](http://www.acss.min-saude.pt/Portals/0/Aviso%20publicação%20mapa%20de%20vagas%20IM%202013%20-%20Ingresso%20formação%20específica%20(1%20de%20janeiro%202014).pdf)
- 2) Williams T.E. Jr, Satiani B, Ellison C - The coming shortage of surgeons: why they are disappearing and what that means for our health – 2009

Correspondência:

JORGE PENEDO

e-mail: jrgpenedo@gmail.com



Jorge Penedo